

PROCESSOS REFERENCIAIS EM TEXTOS MULTIMODAIS: APLICAÇÃO AO ENSINO

Clemilton Lopes PINHEIRO
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)
clemiltonpinheiro@hotmail.com

RESUMO: Uma das discussões acerca da inserção da multimodalidade no escopo de assuntos pertinentes à Linguística Textual é o emprego de dispositivos analíticos oriundos dos estudos do texto verbal que permitam trabalhar também com signos não verbais. Este trabalho se situa nessa discussão, tentando ampliá-la ao âmbito da aplicação ao ensino. Pretendemos estender à análise de textos multimodais estáticos os princípios analíticos dos processos de referenciação, que, no âmbito da Linguística Textual, têm servido para subsidiar a análise de textos apenas verbais. A referenciação é entendida como uma atividade discursiva, ou seja, como um processo realizado negociadamente no discurso e que resulta na construção de referentes ou objetos de discurso. Nesse sentido, assumimos que os elementos não verbais são fundamentais e inevitavelmente constitutivos dos textos multimodais e incorporá-los na análise se faz necessário para explicar e compreender a forma como ocorre, também nesses textos, o processo de compreensão. O objetivo do trabalho é, portanto, propor atividades para explorar, em sala de aula, a função dos processos de referenciação na construção do sentido do texto multimodal, tendo em vista o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos estudantes.

Palavras-chave: Ensino; Multimodalidade; Referenciação.

Introdução

Este trabalho retoma a discussão sobre o emprego de dispositivos analíticos oriundos dos estudos do texto verbal que permitem trabalhar também com signos não verbais, tentando fazer algumas considerações sobre a aplicação ao ensino. Delimitamos a discussão no âmbito da referenciação, que, na Linguística Textual, têm servido para subsidiar a análise de textos apenas verbais. A referenciação aqui está sendo concebida conforme resumem Cavalcante, Pinheiro, Lins e Lima (2010, p. 233-4), ou seja, “o processo pelo qual, no entorno sociocognitivo-discursivo e interacional, os referentes se (re)constroem. Trata-se, portanto, de um ponto de vista cognitivo-discursivo, e é por isso que se diz que a referenciação é um processo em permanente elaboração, que, embora opere cognitivamente, é indiciado por pistas linguísticas e completado por inferências várias”.

Se esse ponto de vista cognitivo-discursivo for aplicado aos textos multimodais, por exemplo, tanto os elementos verbais como os não verbais devem ser considerados como parte de um todo que é o texto. A análise empreendida, especificamente no caso do fenômeno em questão, a referenciação, deve considerar esse todo e não ser segmentada em duas: a de textos verbais de um lado e não verbais de outro. Os elementos não verbais são fundamentais e inevitavelmente constitutivos dos textos multimodais e incorporá-los na análise se faz necessário para explicar e compreender a forma como ocorre a construção dos sentidos.

Entendemos, ainda, que essa perspectiva deve também fundamentar o trabalho com o texto multimodal em sala de aula do ensino básico, tendo em vista o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos estudantes.

O objetivo do trabalho é, portanto, propor atividades para explorar, em sala de aula, a função dos processos de referenciação na construção do sentido do texto multimodal. As atividades focalizam basicamente as funções discursivas, a construção dos referentes e o jogo polifônico e são propostas a partir de alguns exemplares de tirinhas e charges.

1. O estatuto do texto e a multimodalidade

O que se entende hoje por Linguística Textual é uma área de estudos cujo percurso histórico se iniciou na década de 60 do século XX, com o surgimento das gramáticas textuais. Nesse percurso de mais de meio século, o conceito de texto vem sendo rediscutido e passou por uma significativa ampliação. O texto deixou de ser concebido sob uma base meramente gramatical, como frase complexa, para ser concebido sob uma perspectiva sociocognitivista, como lugar de interação. No espaço entre esses extremos existem várias outras concepções pautadas também em outras bases. Koch (2004, p. xii) resume algumas dessas concepções e suas respectivas bases, ressaltando que elas se imbricam em determinados momentos.

1. texto como frase complexa ou signo linguístico mais alto na hierarquia do sistema linguístico (concepção de base gramatical);
2. texto como signo complexo (concepção de base semiótica);
3. texto como expansão tematicamente centrada de macroestruturas (concepção de base semântica);
4. texto como ato de fala complexo (concepção de base pragmática);
5. texto como discurso “congelado”, como *produto* acabado de uma ação discursiva (concepção de base discursiva);
6. texto como meio específico de realização da comunicação verbal (concepção de base comunicativa);
7. texto como *processo* que mobiliza operações e processos cognitivos (concepção de base cognitiva);
8. texto como *lugar de interação* entre atores sociais e de construção interacional de sentidos (concepção de base sociocognitiva-interacional).

A concepção de base sociocognitivista, atualmente abraçada pela Linguística Textual, considera que o texto emerge de um evento social, e o seu sentido é construído conjuntamente pelos sujeitos em interação. Esse processo é resumido por Koch (2004, p. 32-3):

Portanto, na concepção interacional (dialógica) da língua, na qual os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio *lugar* da interação e os interlocutores, sujeitos ativos que – dialogicamente – nele se constroem e por ele são construídos. A produção de linguagem constitui *atividade interativa* altamente complexa de produção de sentidos que se realiza, evidentemente, com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia), mas a sua reconstrução e a dos próprios sujeitos – no momento da interação verbal.

Cavalcante e Custódio Filho (2010) retomam essa citação de Koch (2004) e lembram que, de acordo com essa perspectiva de conceber o texto, o estudo do seu sentido ultrapassa os limites da sua materialidade linguística. Eles, então, enfatizam “a necessidade de uma investigação que esteja atenta aos sistemas de conhecimento acionados/construídos quando da produção e interpretação, bem como ao contexto sócio-histórico envolvido em cada situação de comunicação” (2010, p. 60).

Disso se conclui que os estudos atuais de Linguística Textual concebem o texto como um objeto dinâmico, multifacetado, que resulta de atividades linguísticas, sociocognitivas e discursivas. Ora, tendo o texto essas características, é possível supor que ele comporta, em sua constituição, outros elementos semióticos. Assim como os elementos verbais, os não verbais também podem ser responsáveis pela construção de sentidos do texto. Ainda seguindo o raciocínio de Cavalcante e Custódio Filho (2010), isso significa dizer que o estudo do texto, concebido como fenômeno multifacetado, não pode se limitar a tomar como base apenas os seus aspectos verbais.

Defendemos que o pesquisador deve assumir toda a complexidade do objeto texto e propor análises que deem conta dessa multiplicidade, considerando-se que, ainda que se configurem como não verbais, as diferentes manifestações semióticas ou os diferentes processos envolvidos em situações de interação sem o verbal passam por um tratamento linguístico quando da interpretação; essa seria a decisão mais coerente com o panorama atualmente delineado nos estudos sobre o texto (CAVALCANTE e CUSTÓDIO FILHO, 2010, p. 65).

Nesse sentido, a necessidade de uma investigação que considera todos ou uma grande parte dos aspectos inerentes à natureza dinâmica e multifacetada do texto envolve, necessariamente, a multimodalidade. Se os aspectos não verbais também concorrem, entre os vários outros fatores, para a construção do sentido do texto, o seu caráter multimodal deve delinear, teórica e metodologicamente, o seu estudo.

Portanto, aceitar o alargamento dos limites do texto não pode ser encarado como uma concessão, mas, sim, como o compromisso de discutir seriamente os desafios que os usos impõem, mesmo que isso signifique reconhecer a falta (provisória) de aparato teórico para tratar algumas situações. (CAVALCANTE e CUSTÓDIO FILHO, 2010, p. 65).

Bentes, Ramos e Alves Filho (2010) também tocam na questão da multimodalidade e apontam a natureza multimodal dos textos escritos como um dos objetos “desafiadores” fundamentais para a compreensão dos processos de constituição e uso dos textos.

Assim, a nosso ver, a inserção da multimodalidade no escopo de assuntos pertinentes à Linguística Textual implica:

- um necessário alargamento do conceito de texto, de modo a incorporar nele elementos não verbais (imagem, cor etc);
- o emprego de dispositivos analíticos oriundos do campo de estudos do texto, que permita trabalhar com tais signos. (BENTES, RAMOS e ALVES FILHO, 2010, p. 398)

Acerca da primeira implicação reivindicada por Bentes, Ramos e Alves Filho (2010), o alargamento do conceito de texto, Cavalcante e Custódio Filho (2010, p. 64) dão uma significativa contribuição. Os autores retomam a definição de texto de Koch (2004) e realizam duas alterações: acrescentam a expressão “não verbal” e eliminam o termo “linguístico”. O que resulta é uma definição de texto assentada na noção de “atividade de interação que gera a produção de sentidos”, perfeitamente aplicável tanto a textos exclusivamente verbais como a textos multimodais.

A produção de linguagem [verbal e não verbal] constitui atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos que se realiza, evidentemente, com base nos elementos ~~linguísticos~~ presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas que requer não apenas a mobilização de um vasto conjunto de saberes (enciclopédia), mas a sua reconstrução e a dos próprios sujeitos – no momento da interação verbal.

Restam, no entanto, contribuições para a segunda reivindicação de Bentes, Ramos e Alves Filho (2010), a que diz respeito aos dispositivos que permitam operacionalizar a análise do texto assim concebido. Os dois grupos de autores aqui citados já avançam na questão com algumas sugestões especificamente ao estudo da referenciação.

2. A referenciação em textos multimodais

Em conformidade com a concepção sociocognitiva de linguagem, os estudos linguísticos atuais têm entendido a referenciação como uma atividade discursiva, ou seja, como um processo realizado negociadamente no discurso e que resulta na construção de referentes ou objetos de discurso (KOCH, 2004). A noção de referência, nesse sentido, não é a tradicionalmente conhecida, ligada ao fato de a linguagem referir o mundo, e, conseqüentemente, à relação de correspondência entre as palavras e as coisas.

Essa noção de referenciação é sintetizada na seguinte formulação de Cavalcante, Pinheiro, Lins e Lima (2010, p. 233-4).

O processo pelo qual, no entorno sociocognitivo-discursivo e interacional, os referentes se (re)constroem. Trata-se, portanto, de um ponto de vista cognitivo-discursivo, e é por isso que se diz que a referenciação é um processo em permanente elaboração, que, embora opere cognitivamente, é indiciado por pistas linguísticas e completado por inferências várias.

As pesquisas sobre o emprego de expressões referenciais apontam para dois tipos de análise: uma em que essas expressões são tomadas como elos coesivos e a partir daí se descreve como se obtém a unidade formal do texto; e outra em que se analisam os processos de introdução e manutenção de referentes, e se destacam funções responsáveis pela construção textual (através dos processos de retroação e prospecção) e pela orientação argumentativa, entendida como uma forma de realçar partes ou propriedades do objeto discursivo que mais favorecem a intenção do falante/escritor. Nessa segunda perspectiva, as

expressões referenciais são tomadas como multifuncionais. É o que destaca Koch (2002, p. 106), na seguinte passagem.

A função das expressões referenciais não é apenas referir. Pelo contrário, como multifuncionais que são, elas contribuem para elaborar o sentido, indicando pontos de vista, assinalando direções argumentativas, sinalizando dificuldades de acesso ao referente e recategorizando os objetos presentes na memória discursiva.

Segundo Cavalcante (2011, p. 59), “os elos referenciais vão entrelaçando-se nas representações mentais que os falantes vão elaborando no universo do discurso, compondo verdadeiras cadeias anafóricas”. Essa coesão não se estabelece apenas pelo que está explícito no cotexto, mas também pelo “que se encontra implícito na memória discursiva e que se descobre por inferência” (2011, p. 59). Para a autora, dois grandes processos referenciais se fundamentam no critério da menção ao cotexto: a introdução referencial e a anáfora. A diferença entre os dois processos está no fato de que o primeiro não se atrela a nenhum elemento formalmente dado no cotexto (termo- âncora), mas o segundo sim.

Esses dois processos, por sua vez, fundam duas funções gerais das expressões referenciais: introduzir formalmente um novo referente no universo discursivo e promover a continuidade referencial. A autora frisa, no entanto, que a continuidade referencial não ocorre obrigatoriamente com a manutenção do mesmo referente.

Quando o mesmo referente é retomado, dizemos que a anáfora é correferencial. Mas nem toda continuidade, ou seja, nem toda anáfora é correferencial, porque nem todas retomam o mesmo objeto de discurso. Quando acontece de não haver correferencialidade, a continuidade se estabelece por uma espécie de associação que os participantes da enunciação elaboram por inferência. (CAVALCANTE, 2011, P. 61)

Cavalcante (2011) destaca ainda a dêixis como mais um processo referencial que também promove a formulação e a construção dos sentidos do texto. A autora retoma alguns trabalhos anteriores sobre o tema e apresenta uma classificação das formas dêiticas (dêiticos pessoais, sociais, de espaço, textuais, e da memória). No que diz respeito às funções dos dêiticos, ela conclui o seguinte:

As funções que os dêiticos exercem no discurso vêm, desse modo, somar-se – mais que isso: integrar-se - às demais funções anafóricas, acumulando, por vezes, certos efeitos de expressividade, de emotividade, de (des)comprometimento, dentre outras motivações estilísticas e/ou modalizadoras do discurso. (CAVALCANTE, 2011, p. 116)

Cavalcante e Custódio Filho (2010) mostram como essa perspectiva de referenciação pode ser aplicada à análise de textos multimodais. Eles tomam como exemplo a propaganda a seguir (veicula por panfleto), e mostram que a relação referencial anafórica da expressão “desta situação” se estabelece em um plano de ligação entre o verbal e o não verbal. O referente que preenche a informação sobre qual situação se trata é a imagem do marcador de combustível. Tem-se aí um processo de retomada anafórica cujo referente ou objeto de discurso não é uma expressão linguística, mas um elemento não verbal, no caso, a imagem.

Olhando um pouco mais para a mesma propaganda, podemos perceber ainda que a expressão referencial “kit’s” estabelece um objeto de discurso novo no texto. Para a construção desse objeto de discurso concorrem tanto elementos de natureza verbal (as expressões “mude agora o combustível”, “venha hoje para o gás natural”) como não verbal (a imagem de tubos de gás no porta-malas do carro).

Em resumo, ocorre, na propaganda a introdução ou ativação de um objeto discurso (a possível falta de combustível), cujo gatilho é a imagem. Esse objeto é retomado pela expressão anafórica “esta situação”, e, finalmente, é desativado para que outro objeto de discurso ocupe o foco. Esse novo objeto (nunca faltar combustível) é ativado, inferencialmente, pelos elementos verbais “kit’s”, “venha hoje para o gás natural”, e pela imagem dos tubos de gás.

Bentes, Ramos e Alves Filho (2010) fazem uma reflexão nesse mesmo sentido. Segundo esses autores, em um texto multimodal, um objeto de discurso pode ser referido por um determinante visual. “Sendo assim, o determinante visual seria entendido com uma categoria referencial construída e reconstruída no processo de progressão textual” (2010, p. 402)¹. Eles defendem, portanto, a possibilidade de olhar para o texto multimodal a partir de categorias inicialmente pensadas para o texto verbal, como a noção de objeto de discurso e dos processos de repetição, retomada e reconstrução desse objeto.

¹ Os autores retomam Ramos (2007), que propõe um caminho de análise de tiras cômicas, assumindo que os elementos verbais são fundamentais e inescapavelmente constitutivos de vários tipos de textos.

3. Aplicações ao ensino

Nas duas sessões anteriores, expomos a perspectiva sociocognitivo interacional que tem embasado os estudos atuais sobre o texto. Mostramos ainda que, como essa perspectiva concebe o texto como um fenômeno multifacetado, a análise textual deve considerar também os múltiplos fatores, cognitivos e discursivos, que entram na sua constituição e na construção do seu sentido. Assim, o estudo do texto passa a incorporar também elementos não verbais.

No caso dos textos multimodais, por exemplo, tanto os elementos verbais como os não verbais devem ser considerados como parte de um todo que é o texto. A análise empreendida deve considerar esse todo e não ser segmentada na análise de pequenos textos, verbais de um lado e não verbais de outro. Portanto, os elementos não verbais são fundamentais e inevitavelmente constitutivos dos textos multimodais e incorporá-los na análise se faz necessário para explicar e compreender a forma como ocorre, também nesses textos, o processo de compreensão. Entendemos, portanto, que essa perspectiva deve também fundamentar o trabalho com o texto multimodal em sala de aula do ensino básico, tendo em vista o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos estudantes.

Nesse sentido, passamos a apresentar algumas atividades, que devem ser entendidas como propostas de abordagem do texto multimodal no que diz respeito especificamente a três aspectos da referenciação: construção de referentes, função discursiva e jogo polifônico.

Inicialmente, propomos que esses aspectos sejam abordados em textos exclusivamente verbais, para em seguida, comparativamente ou não, serem abordados em textos multimodais².

ATIVIDADE 01: construção de referentes e função discursiva em texto exclusivamente verbal.

O porco

Samir Ferreira

Um fazendeiro colecionava cavalos, e só faltava uma determinada raça. Um dia, ele descobriu que seu vizinho tinha este determinado cavalo. Assim, ele atazanou seu vizinho até conseguir comprá-lo. Um mês depois, o cavalo adoeceu, e ele chamou o veterinário, que disse:

– Bem, seu cavalo está com uma virose; é preciso tomar este medicamento durante três dias. No 3º dia, eu retornarei e, caso ele não esteja melhor, será necessário sacrificá-lo.

Neste momento, o porco escutava a conversa.

No dia seguinte, deram o medicamento e foram embora. O porco se aproximou do cavalo e disse:

– Força, amigo, levanta daí, senão será sacrificado!!!

No segundo dia, deram o medicamento e foram embora. O porco se aproximou novamente e disse:

– Vamos lá, amigão, levanta, senão você vai morrer! Vamos lá, eu te ajudo a levantar. Upa! Um, dois, três...

No terceiro dia, deram o medicamento, e o veterinário disse:

² As atividades foram adaptadas de Cavalcante (2011 e 2011a).

– *Infelizmente, vamos ter que sacrificá-lo amanhã, pois a virose pode contaminar os outros cavalos.*

Quando foram embora, o porco se aproximou do cavalo e disse:

– *Cara, é agora ou nunca! Levanta logo, upa! Coragem! Vamos, vamos! Upa! Upa! Isso, devagar! Ótimo, vamos, um, dois, três, legal, legal, agora mais depressa, vai....fantástico! Corre, corre mais! Upa! Upa! Upa! Você venceu, campeão!!!.*

Então, de repente, o dono chegou, viu o cavalo correndo no campo e gritou:

– *Milagre!!! O cavalo melhorou, isso merece uma festa! Vamos matar o porco!*

Pontos de Reflexão: Isso acontece com frequência no ambiente de trabalho. Ninguém percebe qual é o funcionário que realmente tem mérito pelo sucesso, ou que está dando o suporte para que as coisas aconteçam.

SABER VIVER SEM SER RECONHECIDO É UMA ARTE!

Se algum dia alguém lhe disser que seu trabalho não é o de um profissional, lembre-se: amadores construíram a Arca de Noé, e profissionais, o Titanic.

PROCURE SER UMA PESSOA DE VALOR, AO INVÉS DE UMA PESSOA DE SUCESSO!

(Fonte: FERREIRA, Samir. O porco. Disponível em:

<<http://leiasamirferreira.blogspot.com/2009/05/licao-do-porco.html>>. Acesso em: 14 fev. 2010.)

a) “O dono da fazenda” e “o cavalo de raça específica” são dois dos vários referentes presentes no texto. Qual a expressão referencial utilizada para introduzir esses referentes no texto?

Os referentes ou objetos de discurso despontam no primeiro parágrafo designados pelas seguintes expressões referenciais:

“o dono da fazenda” – *um fazendeiro*

“o cavalo de raça específica” – *uma determinada raça*

b) Quais as expressões utilizadas para retomar esses referentes ao longo do texto?

Para retomar “o dono da fazenda” são empregadas seguintes expressões: *ele, o dono*. Para “o cavalo de raça específica”: *este determinado cavalo, lo, o cavalo*

c) Identifique as expressões referenciais que retomam o referente “o cavalo de raça específica” e que apresentam, explicitamente, a avaliação do porco em relação a esse referente.

O referente ou objeto de discurso “cavalo de raça específica” é retomado, mas é transformado ao longo do texto, isto é, se recategoriza. Quando o porco emprega as expressões referenciais “amigão” ou “campeão”, apresenta-se o posicionamento discursivo desse enunciador dentro do texto.

ATIVIDADE 02: jogo polifônico em texto exclusivamente verbal

Considere o seguinte trecho do romance *Vidas Secas* de Graciliano Ramos.

A cachorra Baleia estava para morrer. Tinha emagrecido, o pelo caíra-lhe em vários pontos, as costelas avultavam num fundo róseo, onde manchas escuras supuravam e sangravam, cobertas de moscas. As chagas da boca e a inchação dos beiços dificultavam-lhe a comida e a bebida [...]

Então Fabiano resolveu matá-la [...]

Sinhá Vitória fechou-se na camarinha, rebocando os meninos assustados, que adivinhavam desgraça [...]. Ela também tinha o coração pesado, mas resignava-se: naturalmente a decisão de Fabiano era necessária e justa. Pobre Baleia.

Escutou, ouviu o rumor do chumbo que se derramava no cano da arma, as pancadas surdas da vareta na bucha. Coitadinha da Baleia.

a) Identifique as expressões referenciais empregadas para retomar e recategorizar o referente “cachorra Baleia” através das quais se pode entrever a voz da personagem Sinhá Vitória na voz do narrador.

Nos enunciados do narrador, as expressões “pobre Baleia” e “coitadinha da Baleia” recategorizam o referente ou objeto de discurso a partir do posicionamento discursivo da personagem Sinhá Vitória, ou seja, constrói um jogo de vozes dentro do texto, a voz do narrador e a voz da personagem.

ATIVIDADE 03: construção de referentes em charge e tirinha



<http://clubedamafalda.blogspot.com.br> (acesso em 19/04/2012)

a) “Pai de Mafalda” e “Mafalda” são dois referentes ou objetos de discursos da tirinha. Quais os recursos, verbais e não verbais, utilizados para introduzir esses referentes ou objetos de discurso?

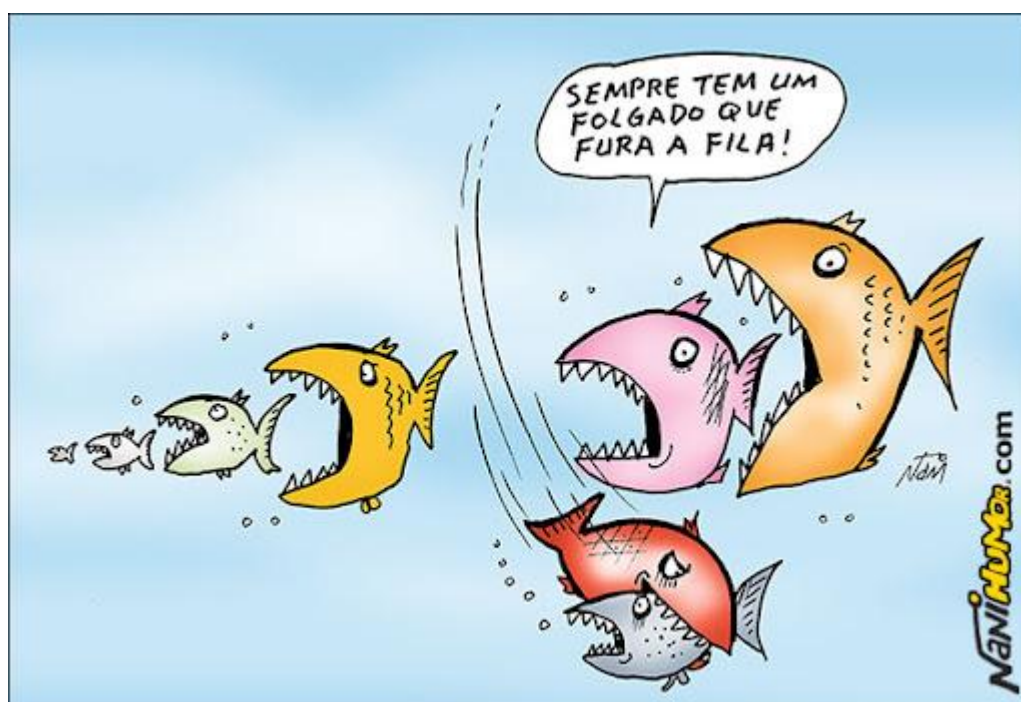
Mafalda é visualmente apresentada no primeiro quadro e aí se torna objeto de discurso da tirinha. O pai de Mafalda torna-se também objeto de discurso nesse primeiro quadro, não pela sua apresentação visual, mas pelo balão que contém a figura de um elefante com a etiqueta “para papai”.

b) Quais os recursos verbais e não verbais utilizados para retomar esses objetos de discurso?

Todos os quadros retomam a figura de Mafalda e outras figuras igualmente etiquetadas com a expressão “para papai”. Assim todos os quadros retomam coesivamente esses dois objetos, pela repetição da imagem e pela repetição da expressão “para papai”.

c) Por quais recategorizações passam esses objetos de discursos e como são elas são construídas.

Em cada quadro os dois objetos de discurso são recategorizados. “Mafalda” é recategorizada pelos traços físicos que alteram seu estado, tanto na imagem principal como na imagem do balão; e pela sua própria fala “não”, “menos ainda”, “não não” e “também não”. Em cada quadro, ela apresenta um novo estado emocional: de uma dúvida inicial ela chega a uma constatação. O objeto de discurso “pai de Mafalda” é recategorizado pela mudança da imagem que carrega a etiqueta “para papai”. Cada quadro apresenta uma visão que Mafalda tem do pai.

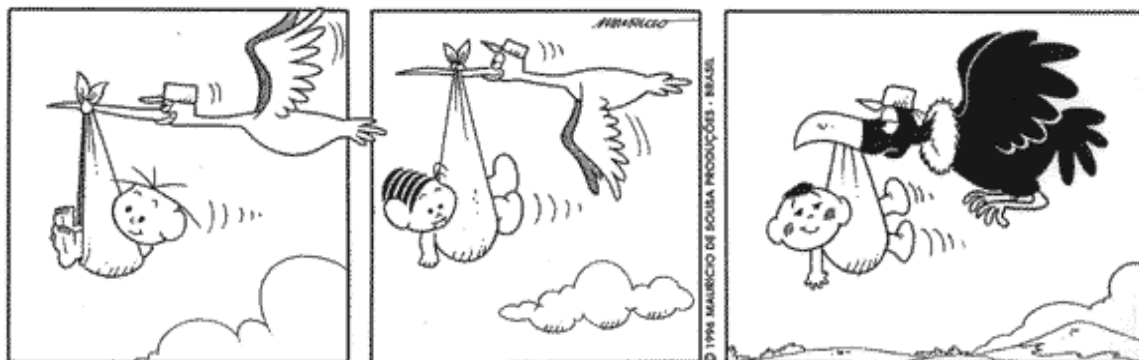


<http://www.nanihumor.com/2010/12/cadeia-alimentar.html> (acesso em 24/12/2012)

a) Quais os objetos de discurso da charge? Quais os recursos que podem ser utilizados para a construção desses objetos?

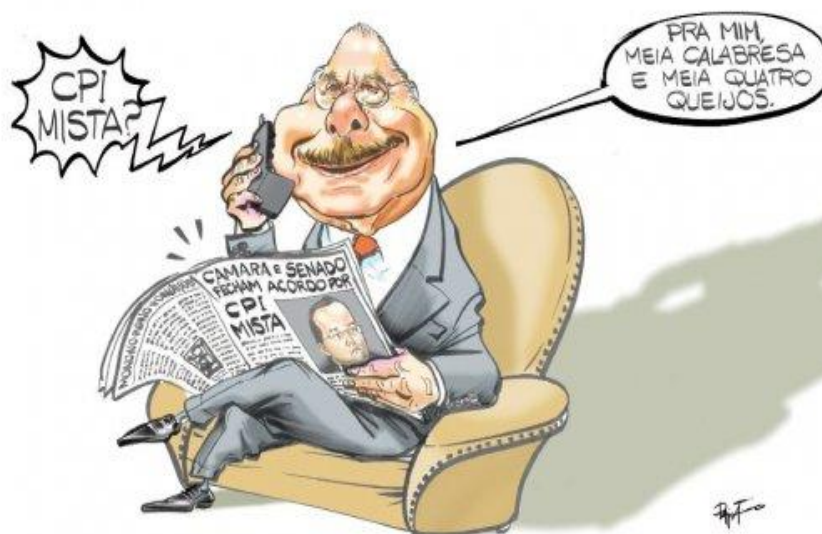
A “cadeia alimentar” pode ser um objeto de discurso na charge, construído pelo desenho dos peixes em fila na perspectiva de serem comidos por outro peixe de maior porte. Pode-se ainda construir o objeto de discurso “peixe que rompe a cadeia” pela imagem do peixe que fura a fila e pela fala de outro peixe; e o objeto “peixe que tem a morte adiantada”, construído também pela imagem.

ATIVIDADE 04: função discursiva em charge e tirinha



Copyright ©1999 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

<http://www.monica.com.br/comics/tirinhas/tira13.htm> (acesso em 19/04/2012)



<http://www.gazetadopovo.com.br/charges/index.phtml?ch=Paix%E3o&offset=&ffset=6>
(acesso em 19/04/2012)

a) Considerando que em cada quadro há um objeto de discurso visual (Cebolinha, Mônica e Cascão). Explique como esse visual constrói a imagem de cada um desses objetos. Da mesma forma, explique como os recursos visuais e verbais concorrem para construir a imagem do objeto Sarney, na charge.

Na tirinha, os três objetos de discurso apresentam um mesmo traço referencial: os personagens encontram-se em uma mesma posição, carregados por cegonhas. No entanto, os

traços visuais tanto dos personagens como das cegonhas são diferentes, o que pode ser usado pelo leitor para construir as diferentes imagens. O Cascão, por exemplo, é carregado por um urubu, e não exatamente uma cegonha, para caracterizá-lo como sujo. O mesmo raciocínio se aplica à charge. A imagem do político José Sarney bem sentado em uma poltrona e com ar despreocupado e o trocadinho de “mista” com “pra meia calabreza meia quatro queijos” constroem a imagem de desinteressado em relação às denúncias de corrupção.

ATIVIDADE 05: jogo polifônico em tirinha



<http://www.nanihumor.com/search/label/tiras> (acesso em 24/04/2012)

a) Através de um objeto discurso, a voz do pobre aparece na tirinha. Explique como esse objeto é construindo?

No segundo quadro, a imagem do anjo, diminuído, com expressão de decepcionado, e a expressão “ô boca” recategorizam o referente “anjo” a partir do posicionamento discursivo que seria o do pobre.

Conclusão

Neste trabalho, mostramos que a análise textual que concebe o texto como um fenômeno multifacetado, conforme a perspectiva sociocognitivo interacional, deve considerar também os múltiplos fatores, cognitivos e discursivos, que entram na sua constituição e na construção do seu sentido. Assim, o estudo do texto passa a incorporar também elementos não verbais.

No caso dos textos multimodais, tanto os elementos verbais como os não verbais devem ser considerados como parte de um todo que é o texto. A análise empreendida deve considerar esse todo e não ser segmentada em duas: a de textos verbais de um lado e não verbais de outro. Os elementos não verbais são fundamentais e inevitavelmente constitutivos dos textos multimodais e incorporá-los na análise se faz necessário para explicar e compreender a forma como ocorre, também nesses textos, o processo de construção dos sentidos.

Mostramos ainda que essa perspectiva deve também fundamentar o trabalho com o texto multimodal em sala de aula do ensino básico, tendo em vista o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita dos estudantes. Finalmente, propomos algumas atividades de

leitura de textos multimodais especificamente nos que diz respeito a três aspectos da referenciação: construção de referentes, função discursiva e jogo polifônico.

Temos consciência de que a abrangência dessas atividades é bastante restrita, e achamos que elas devem servir mesmo para estimular a reflexão dos professores e pesquisadores sobre a discussão dos processos referenciais nas aulas de leitura e escrita de diferentes tipos de texto, inclusive, os multimodais.

Referências bibliográficas

BENTES, A. C., RAMOS, P. e ALVES FILHO, F. Enfrentando desafios no campo de estudos do texto. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Org.). *Linguística de texto e Análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 389-428.

CAVALCANTE, M. M. e CUSTÓDIO FILHO, V. Revisitando o estatuto do texto. *Revista do Gelne*, v. 12, n. 2, 2010, p. 56-71.

CAVALCANTE, M. M.; PINHEIRO, C. L.; LINS, M. da P. P.; LIMA, G. Dimensões textuais nas perspectivas sociocognitiva e interacional. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Org.). *Linguística de texto e Análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 225-261.

CAVALCANTE, M. M. *Referenciação: sobre coisas ditas e não ditas*. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

CAVALCANTE, M. M. Leitura, referenciação e coerência. In: ELIAS, V. *Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita e leitura*. São Paulo: Contexto, 2011a, p. 183-195.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, I. G. V. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

RAMOS, P. *Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor*. Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo, 2007.